

EM FOCO



► **Maria Manuela Cruzeiro** e Rui Bebiano, investigadores do Centro de Estudos Sociais e do Centro de Documentação 25 de Abril da Universidade de Coimbra, decidiram lançar um olhar de maior proximidade sobre alguns dos protagonistas do movimento estudantil em Coimbra entre 1961 e 1974. O resultado é o livro "Anos Inquietos" – retratados nas vozes de Eliana Gersão, Fernando Martinho, Carlos Baptista, Pio de Abreu, Fátima Saraiva, José Cavalheiro e Luís Januário –, que será apresentado em Coimbra no próximo dia 12.

Um olhar sobre os "Anos Inquietos"

► Entrevista de Lúcia Pereira

DIÁRIO AS BEIRAS – Que livro é este "Anos Inquietos – Vozes do Movimento Estudantil em Coimbra [1961 – 1974]"?

Rui Bebiano – A ideia do livro partiu da existência de um projecto de investigação no Centro de Estudos Sociais (do qual somos ambos investigadores) – "Culturas Juvenis e Participação Cívica: Diferença, Indiferença e Novos Desafios Democráticos" – quase a ser concluído e que é essencialmente um trabalho comparativo entre o que é a realidade estudantil do ponto de vista da participação nos últimos 10 anos e um período considerado como modelo em termos de participação política e de activismo que é, grosso modo, a década de 60 até à revolução de Abril de 74. O livro acabou por resultar de um modo quase natural, eu porque estava no projecto mais ligado à análise da década de 60, a Maria Manuela Cruzeiro porque trabalha sobre esta época, porque é testemunha vivencial e porque está envolvida no Projecto de História Oral do Centro de Documentação 25 de Abril da Universidade de Coimbra.

E, naturalmente, este livro também interessa ao Centro de Documentação 25 de Abril?

Manuela Cruzeiro – Com certeza. Muito. Porque o Centro de Documentação 25 de Abril não estuda só os anos quentes da revolução e pós-revolução, mas também todo um período que se centra fundamentalmente nos finais dos anos 50, estando toda a geração de 60 muito presente na nossa preocupação, na nossa investigação e também nos nossos arquivos. Até porque é quase uma verdade histórica que os anos 60 foram já os anos de queda anunciada do Estado Novo. Foram já anos muito agitados, muito "inquietos" se quisermos referir o título do livro.

A movimentação estudantil teve quanto que ver com o desencadear das forças que



RUI BEBIANO e Maria Manuela Cruzeiro são os responsáveis pelo livro que será apresentado a 12 de Outubro

levaram à revolução de Abril de 74?

Manuela Cruzeiro – Há aqui multiplicidades várias, há aqui influências várias. Mas todos sabemos que – e o Rui Bebiano tem-no dito frequentemente – com os anos 60 se cria uma consciência de contestação grupal ao nível da juventude...

Que não existia antes?

Manuela Cruzeiro – Não, não existia com as características que lhe são dadas de uma geração que participa de uma visão do mundo, que tem aspirações concretas, que tem formas de luta concretas e que sente, de facto, que tem a força de uma nova mentalidade. Se foi decisivo? Eu penso que foi decisivo, na medida em que trouxe ao combate político uma energia nova, uma nova atitude, que passa fundamentalmente, não por uma luta política pura e dura, mas antes por uma visão mais global do mundo e da vida. Uma visão cultural no seu sentido mais amplo. No fundo, estes jovens da chamada geração de 60 têm a caracterizá-los a participação num colectivo que tem uma mundividência e uma forma de enca-

rar a vida e o mundo oposta às gerações anteriores.

Rui Bebiano – Esta questão implica uma dúvida que se manifesta muitas vezes. Afinal, antes da juventude dos anos 60 já existia juventude (?). E eu costumo responder que, num certo sentido, não. A história dos comportamentos ao longo de séculos definiu modelos sociais da infância, da maturidade e da velhice. O jovem era basicamente um adulto em miniatura, não possuía uma cultura própria, não tinha interesses, não tinha capacidade de viver de forma autónoma, como de facto começou a verificar-se no final dos anos 50 e na década de 60. E em Portugal, apesar de vivermos isolados, essas foram ideias que chegaram e frutificaram numa certa cultura juvenil.

Uma cultura juvenil com uma matriz de esquerda. Como, de resto, é perceptível no vosso livro?

Rui Bebiano – De facto, no livro são entrevistadas basicamente pessoas de oposição ao regime. Mas isto resulta do facto de existir nessa altura uma espécie de padrão do estudan-

te comum, que podia até niém militar em nenhuma organização política, mas que era estruturalmente anti-regime. E aquilo que eram os sectores mais conservadores em Coimbra eram conhecidos e, na altura, apontados a dedo. Estamos a falar num universo de nove/dez mil para cem ou 150 estudantes.

Havia esse estigma?

Manuela Cruzeiro – Havia. Era de facto esmagadora a predominância de uma consciência de esquerda nos anos 60, em Coimbra. Que cresceu e que, em 69, atingiu o seu expoente máximo. Mas eu penso que tem sobretudo a ver com características geracionais e de cultura de uma determinada juventude, de uma determinada geração. Porque, muitas vezes nem era pela opção política consciente e responsável que estes jovens se agrupavam. Existia uma consciência cultural mais do que política. Ou menos. Mas eu penso que é mais, porque a política era entendida como uma acção no âmbito da associação académica, por exemplo, mas envolvida num conjunto de razões e até de sen-

timentos ou de forças simbólicas muito fortes. Era a chamada política com o coração, que não era irracional e só emotiva, porque era também a força catalizadora de referências encontradas na cultura, na literatura, na música, no cinema.

Todo o movimento teve então que ver muito fortemente com a actividade desenvolvida na AAC, nomeadamente nos organismos autónomos?

Manuela Cruzeiro – Claro que teve, com uma actividade cultural fortíssima. Para esta geração, não se entendia cultura sem política e, talvez, também política sem cultura. Eram duas faces da mesma moeda. E nota-se até nas próprias entrevistas que a preocupação de informação e formação cultural era muitíssimo forte. Era tão importante para um estudante frequentar um curso, porque implicava a sua formação e a sua emancipação, como a opção pelo organismo autónomo no qual queria militar e participar culturalmente, até para compensar o que não tinha na universidade.

Uma universidade com que características?

Manuela Cruzeiro – Uma universidade fechada, retrógrada, opressora, repressora da criatividade, da crítica, da análise pessoal das questões...

E era na AAC que os estudantes encontravam o que lhes faltava nas aulas?

Manuela Cruzeiro – Era, exactamente. Independentemente dos cursos, ninguém estava à espera de ir buscar cultura à universidade. Por isso tinham tanta vitalidade os organismos autónomos do teatro, do cinema. Mas também outros organismos, como associações culturais, clubes, cafés, com as tertúlias.

Rui Bebiano – E isso é visível nas entrevistas. Onde se percebe que a universidade quase não existe. Paralelamente à aproximação das pessoas através dos organismos ou das actividades culturais que as uniam e definiam basicamente uma atitude de resistência à cultura de regime, existia um núcleo envolvente composto por aquele que é o estudante "normal", aquele que não é militante de esquerda ou de oposição ao regime, mas que tinha em termos de vivência uma relação tão próxima com as pessoas que o eram, que, implicitamente e de forma quase natural, a posição que tomava quando chegava a altura era a dos seus companheiros. Mesmo mais tarde,

quando aparece a extrema esquerda, passava-se a mesma coisa. Existia um núcleo militante que era muito reduzido, mas existiam as redes de solidariedade e de afectividade. É que nós estamos a falar de uma época em que se assistia ao início de uma importantíssima revolução de costumes, ligados até à sexualidade. No entanto, para entrar na Faculdade de Letras, as raparigas tinham obrigatoriamente que ir de saia e meias de vidro. E estava um funcionário à porta da faculdade para verificar se as meninas levavam ou não meias.

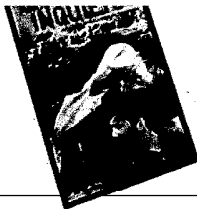
E foi em contraponto a essa repressão que cresceu e se alargou o movimento de contestação na AAC?

Manuela Cruzeiro – Claro que sim. E o que chocava mais era o tipo de ensino e o tipo de relação que se estabelecia na universidade. Era uma coisa muito medieval, muito arcaica, muito pouco compensador e muito pouco gratificante. E também, ao mesmo tempo, a perseguição concreta a todo aquele que pensasse de uma maneira diferente. Se por acaso alguém ousava, nas frequências, citar um autor que estivesse no "index" era evidentemente apontado. As nossas actividades, as nossas opções eram absolutamente conhecidas. A nossa ficha na PIDE o demonstra. O que se percebe melhor ainda quando se chega a uma altura de crise, e se via como estávamos todos fichados e seguidos ao pormenor.

Existia então, na universidade e na AAC, uma rede de informadores?

Manuela Cruzeiro – Existia claro. E na AAC também entravam muitos. Mas a sensação de força, que era força também por sermos muitos, vinha muito de alguma superioridade moral, de uma convicção profunda de que estávamos do lado certo. E de que as coisas iriam mesmo mudar. É por isso que se percebe que cada um dos nossos entrevistados, como muitos outros, gostam do seu passado, não por ter sido excepcional, mas porque perceberam que, à sua maneira, com as suas limitações, fizeram história. E depois têm aquela consciência, invejável, de que estiveram do lado certo da história.

Rui Bebiano – E isso percebe-se também no facto de todos eles, os sete entrevistados, terem um percurso de vida de coerência em relação a essa forma de estar no mundo que definiram em determinada altura da sua vida.



► **"Anos Inquietos – Vozes do Movimento Estudantil em Coimbra [1961–1974]"**, com organização e prefácios de Maria Manuela Cruzeiro e Rui Bebiano, será lançado em Coimbra, na livraria Almedina-Estádio, no próximo dia 12, quinta-feira, às 21H00. Para apresentarem o livro, os autores convidaram Abílio Hernandez Cardoso, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, e João Botelho, cineasta. Na cerimónia, estarão ainda presentes os sete entrevistados e os dois jovens estudantes que os autores conseguiram identificar hoje, retratados na capa do livro, numa das inúmeras acções de contestação desses "anos inquietos".

LIVRO

Ao encontro das vozes do movimento estudantil

► **Lídia Pereira**

► NUM AMPLO universo de opções, Maria Manuela Cruzeiro e Rui Bebiano optaram por entrevistar e publicar em livro as entrevistas de sete nomes do movimento estudantil em Coimbra, entre 1961 e 1974. Mas a escolha de Eliana Gersão, Fernando Martinho, Carlos Baptista, Pio de Abreu, Fátima Saraiva, José Cavalheiro e Luís Januário não resultou de um qualquer acaso.

Até porque, de acordo com a especialista em História Oral, estavam, à partida, estabelecidos alguns critérios: em primeiro lugar, tratar-se de pessoas que não fossem grandes nomes mediáticos, tendo sido decisivas no movimento e que tivessem um percurso de grande coerência, sendo pessoas que "vêem a crise, que vêem aqueles anos com uma liberdade e um descomprometimento total".

Não sendo figuras "anónimas" – cada um dos entrevistados tem um percurso de forte intervenção e mesmo de relevância dentro da cada uma das suas áreas –, para Manuela Cruzeiro e Rui Bebiano, os entrevistados no livro que agora será apresentado em Coimbra são todos personalidades cen-

trais em relação ao movimento estudantil, sem que tenham atrás de si um percurso político que de alguma forma os condiciona na sua memória sobre os acontecimentos.

Facto que, para Manuela Cruzeiro, vem provar uma realidade: o movimento estudantil em Coimbra foi "muito rico em termos de valores e de pessoas e foi, de facto, um colectivo".

Duas mulheres e cinco homens do total de entrevistados. Para Manuela Cruzeiro "a proporção não está mal relativamente ao equilíbrio da altura". Isto porque, para lá da enorme diferença detectada de ano para ano no que respeita ao número de mulheres envolvidas no movimento, havia a consciência que "ser companheira não era ser igual", porque "sair da Associação Académica a qualquer hora sem ser acusada de um comportamento reprovável" era já uma grande conquista, "sobretudo porque feita num tão curto espaço de tempo".

São, portanto, sete de entre estas importantes vozes do movimento estudantil que todos têm agora a possibilidade de (re)encontrar num livro da Edições Afrontamento.



CRUZ/AGC/ALMEDINA ESTÁDIO



DB-Luís Cardoso

PROJECTO

Culturas juvenis e participação cívica

► **A VIVER UMA INTENSA** fase de análise e a aproximar-se da divulgação pública dos resultados gerais a que chegou, o projecto "Culturas Juvenis e Participação Cívica. Diferença, indiferença e novos desafios democráticos" tem como objectivo central a análise, numa abordagem multidisciplinar de aproximação entre a história e a sociologia, da emergência e das recentes transformações ocorridas dentro das culturas juvenis em Portugal.

E os seus responsáveis – Elísio Estanque e Rui Bebiano – estruturaram-no para abarcar duas vertentes: uma, mais ampla e abrangente, implica o reconhecimento de "transformações processadas dentro do espaço nacional". A outra encontra-se mais especificamente vocacionada para a observação do universo estudantil universitário de Coimbra. Foi, aliás, a respeito deste

que, não há muito tempo, chegaram a público os resultados de um inquérito relativo à praxe académica.

Ainda de acordo com os responsáveis pelo projecto, o seu objectivo é o de promover "a compreensão do modo como a estruturação de estilos de vida e a evolução das concepções e visões do mundo da juventude estudantil têm dado expressão a formas de participação ou de indiferença nos planos cultural e político".

O projecto de História Oral do Centro de Documentação 25 de Abril, pelo qual é responsável Maria Manuela Cruzeiro desde o seu início, em 1990, cruza-se com o primeiro no momento em que se tornou necessária a recolha de testemunhos concretizados em entrevistas a alguns dos protagonistas do movimento estudantil em Coimbra.

Recordar protagonistas do movimento estudantil

Manuela Cruzeiro e Rui Bebiano decidiram
lançar um olhar de maior proximidade
sobre alguns protagonistas do movimento
estudantil em Coimbra entre 1961 e 74.

› PÁG. 2 e 3